



FERNANDES, L. A. *Amoris Laetitia*. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.

São Paulo: Paulinas, 2018, 160 p.
ISBN 97885325643787

O organizador desta obra, Leonardo Agostini Fernandes, é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, professor de Sagrada Escritura no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professor de Sagrada Escritura do Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Exerce seu ministério presbiteral na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

O objetivo da presente obra, o quarto da série *Fronteiras*, é refletir sobre alguns aspectos da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (AL) subdivididos em duas partes: *parte bíblica* e *parte sistemático-pastoral*. Na apresentação, o organizador destaca que a Exortação adota uma linguagem em perspectiva dialógica, propositiva e inclusiva. Possui um viés dialogal, uma abertura fundamental que a Igreja deve assumir para se posicionar diante da globalização e dos desafios dos tempos atuais que submetem a família a duras e difíceis provações. A realidade da família é vista com realismo e otimismo, pois a consciência humana é o lugar do discernimento que contextualiza as ações na exigência da liberdade. Assim sendo, no Prefácio, o Cardeal Orani João Tempesta, Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro e Grão-chanceler da PUC-Rio, afirma que AL, é, sem sombra de dúvida, um documento de grande envergadura, e chegou num momento oportuno e desafiador. Por isso, merece ser acolhida, lida, promovida e estudada por toda a Igreja, e, citando o n. 2 da Exortação, diz: “a reflexão dos pastores e teólogos, se for fiel à Igreja, honesta, realista e criativa, ajudar-nos-á a alcançar uma maior clareza”.

Três estudos compõem a parte bíblica do livro:

- 1) *O salmo 128 e a alegria do amor*, de autoria do Dr. Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio); objetiva-se a reler, à luz da mensagem do Sl 128, alguns tópicos da Exortação Apostólica, ajudando a perceber a sua lógica interna e a relação que pode ser estabelecida entre esse Salmo, que foi

escolhido não só para guiar o capítulo I, mas também os demais capítulos, pelos quais a doutrina, a moral, a pastoral e a espiritualidade sobressaem e orientam a sociedade que se funda no matrimônio e se solidifica na família. Para isso, o autor divide o texto em cinco partes: na primeira, oferece a tradução do Sl 128 a partir da Bíblia Hebraica e da LXX (Sl 127 na tradução grega). Na segunda, apresenta a organização interna e o gênero literário do Salmo. Na terceira, a partir de seções percebidas na estrutura, propõe um breve comentário exegético. Na quarta, estabelece uma relação entre os versículos e as citações presentes no capítulo I. Na quinta parte, propõe uma leitura transversal, considerando certos aspectos dos demais capítulos fazendo a ligação com o Sl 118. Conclui, mostrando que ao buscar os fundamentos na Sagrada Escritura, a Exortação Apostólica encoraja e indica um caminho para que os cônjuges e as famílias encontrem a felicidade e a alegria do amor que não procura o próprio interesse. A imagem que no Sl 128 integra a família, Sião, Jerusalém e Israel, pela sua relação com o Senhor em comunhão com os fiéis, abre-se para que o mundo e a Igreja repensem as suas relações, a fim de que a verdade sobre o ser humano, sua vocação e missão, corresponda à sua dignidade de filho de Deus. O divino e o humano agindo juntos, isto é, a graça versada encontrando a matéria disposta e cooperando com ela, permite que as dificuldades da vida e do relacionamento familiar sejam vencidas e se atinja a felicidade fecunda em nível existencial. Nesse sentido, o Sl 128 é uma proposta concreta de bênção e de felicidade.

- 2) *Dimensões do amor em família na Amoris Laetitia à luz do discipulado e da missão segundo o Evangelho de São Marcos*, de autoria do Dr. Gonzalo Arturo Bravo Alvarez (PUC-Valparaíso / Chile). O autor diz que a AL não é um escrito sobre a família, mas sobre o amor na família e, o determinante não é o estatuto jurídico dela, mas a dinâmica interna que a constitui: o amor. Mostra que isso é verdade, tendo-se em conta que o documento nunca define a família em si mesma, mas em função das relações internas de seus membros, independentemente de quem sejam eles. Assumindo a matriz do amor na família, o autor apresenta seis dinâmicas bíblicas, ou seja, seis dimensões do discipulado que fortalecem o amor em família, seguindo o Evangelho de Marcos sobre o amor: 1) o amor tem a ver com “sair de si mesmo”, sair das próprias certezas para se relacionar com os membros da família, de forma incondicional e sem

restrições (Mc 1,14-15); 2) Ir atrás de Jesus é dizer que o discipulado é seguimento de Jesus, de quem se transforma na fonte inesgotável do amor em família (Mc 1,16-20); 3) Um amor se configura com a vontade de Deus e que não se trata de uma egoísta busca pessoal da felicidade. O amor na família tem a ver com a decisão, ainda que às vezes dolorosa, de cumprir totalmente a vontade de Deus (Mc 8,34); 4) A transmissão e a celebração da fé em família, especialmente a Eucaristia, dinamizam o amor dentro dela. Escutando os ensinamentos de Jesus e celebrando o mistério e sua entrega por nós, renova-se a vida de todo discípulo (Mc 1,38-39; 14, 22-24); 5) A grande prova e a tentação permanente: abandonar Jesus para se confinar em um “eu” que busca o que apraz, rejeita o que não convém e é indiferente ao que não afeta. As dificuldades na vivência do amor na família começam quando o “eu” se antepõe a um “nós” (Mc 14,50); 6) Jesus volta a optar por aqueles que não responderam ao seu amor. A missão renova o amor: da incredulidade ao testemunho. Reconhecer a fraqueza é expressão de amor e, por sua vez, oportunidade para aprofundá-lo (Mc 16,14-15). São os seis momentos do amor em família. Se nas primeiras dimensões faz-se alusão a “ir mais além” para “colocar-se atrás” de Jesus e assumir com toda a radicalidade a vontade de Deus, passando pela celebração da fé e pela experiência da incoerência, na última, exorta-se a sair de si para anunciar, a partir da fraqueza e da fragilidade, a Boa-Nova de Jesus. De modo, parecido, o amor em família, experimentado como uma saída desde as próprias individualidades para vincular-se intimamente à Pessoa de Jesus permite dispor-se a promover estreitas relações entre os membros da família, ainda que em meio às fraquezas e das crises, sabendo que cada família na sua fragilidade, pode tornar-se uma luz na escuridão do mundo.

- 3) *A via caritatis como incansável prática do bem (AL 306 [Gl 5,15] e AL 104 [Gl 6,9])*, de autoria do Dr. Waldecir Gonzaga (PUC-Rio). O autor diz ser importante conferir as bases bíblicas de AL, procurando analisar o uso das Sagradas Escrituras em seu conjunto (AT e NT). Através de uma minuciosa estatística de citações bíblicas usadas em AL, analisa, com detalhes, dois textos paulinos, Gl 5,14 e 6,9, para demonstrar que a *via caritatis* é o elemento condutor do agir pastoral da Igreja e o caminho promotor do bem em família: a caridade, além de estar no centro da lei, é também o seu ponto mais alto e importante, visto que

ela supera até mesmo a esperança e a fé (1Cor 13, 9.13). A AL ao pedir que pratiquemos incansavelmente o bem e que tenhamos a *via caritatis* como fio condutor de nosso agir pastoral, nos indica a via mestra para o trabalho junto à realidade da família no mundo de hoje, pois a Pastoral Familiar só vai conseguir ajudar as famílias se ela existir e atuar a partir do horizonte da misericórdia, trabalhando e ajudando cada pessoa a viver a sua vocação ao amor e curando as feridas e machucados acumulados ao longo do caminho já percorrido, completando o restante de forma mais serena e misericordiosa.

Sete estudos compõem a parte sistemático-pastoral do livro:

- 1) *Diante do ensinamento da exortação apostólica Amoris laetitia: magistério a ser acolhido e posto em prática*, de autoria do Dr. Salvador Pié-Ninot (Faculdade de Teologia da Catalunha / Barcelona). Aqui o autor mostra que a fase da recepção eclesial da AL faz surgir questões sobre o tipo de magistério que este documento representa. Situa a Exortação no âmbito do Magistério não definitivo, o qual tem como objetivo específico propor um ensinamento que conduz a uma melhor compreensão da Revelação em matéria de fé e de costumes, e das diretrizes morais que derivam deste ensino, pois, ainda que não sejam garantidos pelo carisma da infalibilidade, não estão desprovidos da assistência divina e exigem adesão dos fiéis, adesão definitiva como um religioso obséquio da vontade e da inteligência. Nesse âmbito, compreende-se, o que o Papa Francisco observa em AL 2 “a reflexão dos pastores e teólogos, se for fiel à Igreja, honesta, realista e criativa, ajudar-nos-á a alcançar uma maior clareza”. Essa fidelidade à Igreja é amplamente expressa nos três princípios apresentados por Francisco, sobretudo para enfrentar as situações ditas “irregulares”, que retoma da Tradição viva da Igreja. O primeiro princípio é a lei da gradualidade, o segundo princípio parte da consciência e o terceiro princípio é o da necessidade de discernimento. O autor, conclui, dizendo que, embora não seja definitivo, é em qualquer caso, interpretação autêntica da Palavra de Deus, enquanto ensinamento de ordem prudencial do Sucessor de Pedro na Igreja, o Papa goza da assistência divina, e, por isso, deve ser acolhido religiosamente e com espírito leal e cordial. Esta é a atitude fundamental de acolhimento sincero e de atuação prática que este tipo de magistério e, neste caso, AL – comporta a todos os membros da Igreja.

- 2) *A Alegria do Amor e a maioria cristã*, de autoria do Dr. Mario de França Miranda (PUC-Rio). O autor concentra sua reflexão em três temas fundamentais. Primeiramente examina a dimensão institucional da fé cristã: sua necessidade, sua finalidade e sua historicidade. Esclarece que a comunidade dos fiéis, para constituir e manter sua identidade cristã própria, necessita de doutrinas, normas, celebrações cultuais, organizações sociais, práticas características. Entretanto, a instituição no cristianismo não deve perder de vista sua finalidade salvífica, a saber, nasce do próprio carisma e deve toda ela estar remetida ao mesmo carisma. É mediação e não fim. Embora tenha origem divina, as instituições cristãs são expressões e concretizações humanas e, portanto, necessariamente histórica e, por isso, refletem as características e as limitações da época e do contexto que as viu nascer, sem falar do influxo do pecado no conhecer e no agir humano. Consequentemente, certas normas podem se tornar obsoletas em outros contextos, degenerar-se quando mal compreendidas ou mesmo se verem erradamente absolutizadas por gerações posteriores. Num segundo momento, o autor, aborda a dimensão pessoal da fé cristã: a ação do Espírito em cada cristão, a imediatidade com Deus implica opção livre de fé, a importância da consciência individual e consequentemente a liberdade inerente à própria fé. Conclui, mostrando que tanto o conteúdo doutrinário como a norma devem ser livremente recebidos pelo cristão, devem resultar de uma opção livre e consciente, devem possibilitar ao cristão certo confrontar-se pessoalmente com Deus. Isso porque a maioria cristã respeita a inteligência e a liberdade com que Deus dotou o ser humano, reconhece o caráter único e singular do relacionamento de Deus com cada pessoa, embora situada sempre no contexto social e eclesial onde vive, e a defronta com o próprio Deus, diante do qual inexoravelmente toma a decisão. Ela implica que a vocação cristã consiste num caminhar histórico que se depara continuamente com novas situações, encruzilhadas, oportunidades, desafios, exigindo do cristão um contínuo discernimento que indique a vontade de Deus para aquele momento que vive. Importante neste contexto levar a sério a imagem de Deus revelada em Jesus Cristo: o Deus misericordioso e paciente com o ritmo/progresso de cada pessoa.
- 3) *Edificar o matrimônio no amor: a mudança de paradigma teológico de Amoris laetitia*, de autoria do Dr. Leandro Luis Bedin Fontana

(PUC-RS). O autor sustenta a tese de que AL representa, de fato, uma mudança substancial no ensinamento da Igreja sobre o matrimônio e a família, muito embora isso se tenha dado não através da criação de novas normas, mas de um novo paradigma ou uma nova mentalidade. Isso é demonstrado através da forma como a Exortação concebe tanto o sacramento do matrimônio em si (AL, cap. 3) como o *status* do amor conjugal neste sacramento (AL, cap. 4). O enfoque histórico-bíblico-pastoral dado pelo Papa ao matrimônio e ao amor conjugal distancia-se da matriz de pensamento agostiniana e procura levar mais em conta a subjetividade humana e a realidade das famílias, oferecendo aos casais uma mensagem muito mais positiva e encorajadora em relação à sua vocação e missão na Igreja e no mundo.

- 4) *Matrimônio, viuvez e virgindade. Desafios e pistas para a eclesiologia*, de autoria do Dr. André Luiz Rodriguez da Silva (PUC-Rio). O autor citando o n. 159 da AL, no qual o Papa Francisco menciona São João Paulo II para dizer que não se pode falar em “inferioridade” do matrimônio nem da “superioridade” da virgindade e do celibato em função da abstinência sexual, mostra ser útil a recuperação das interpretações eclesiológicas que os Padres da Igreja produziram sobre o matrimônio, a viuvez e a virgindade, reforçando um sistema teológico que garanta a complementaridade proposta pelo papa Francisco. Ao exortar-nos que não devemos considerar o matrimônio e a castidade numa escala de comparação pautada em superioridade e inferioridade, o papa Francisco reassume grandes problemas da História da Igreja que demandam real atenção não apenas nos aspectos morais, mas, sobretudo, para a revisão dos aspectos eclesiológicos fundamentais no que concerne cada vocação. Para a interpretação eclesiológica da metáfora do matrimônio faz menção aos escritos de Eusébio de Cesária, São Justino. Para a interpretação eclesiológica da metáfora da virgindade cita o Pastor de Hermas, São João Crisóstomo, Santo Inácio de Antioquia. Para a interpretação eclesiológica da metáfora da viuvez cita os escritos de Santo Ambrósio de Milão.
- 5) *Teologia e pastoral na Amoris Laetitia*, de autoria do Dr. Geraldo Luiz de Mori (FAJE/BH). O autor tem como objetivo não retraçar a história da relação entre “doutrina” e “pastoral” na teologia católica, mas mostrar como esta relação ainda parece mal equacionada, mesmo

50 anos após o Concílio Vaticano II, como indica o conflito de interpretações suscitados pela AL. Diante disso, num primeiro momento, o autor, retoma brevemente, a relação “teologia” e “pastoral” no seio da reflexão teológica, mostrando também como essa relação se deu na própria compreensão do matrimônio como sacramento. Num segundo momento, analisa os capítulos “dogmáticos” e “pastorais” da Exortação do Papa, mostrando como se relacionam no interior do texto. O itinerário proposto no texto pretende resgatar a lógica presente nas Escrituras e que fecundou muitos momentos criativos da existência e da teologia Igreja, e que parece perpassar a Exortação pós-sinodal AL: a “fé” cristã, que se traduziu de forma sistematizada nas confissões de fé, encontrando na teologia sua tradução teórico-sistemática, é antes de tudo Evangelho, boa notícia que dá a vida e transforma a vida, conferindo-lhe sentido, abrindo-lhe novas possibilidades. No caso específico do matrimônio e da família, vistos pela tradição católica como sacramento, sinal eficaz de uma presença transformadora e salvadora da graça de Cristo na vida do casal e da “Igreja doméstica” por eles criada, mais do que insistir nos possíveis desvios dogmáticos de interpretação do texto papal, é preciso redescobrir a relação profunda que existe entre teologia e vida, doutrina e pastoral.

- 6) *Aspectos pastorais das famílias*, de autoria do Dr. Luiz Alencar Libório (UNICAP). O autor diz que o tema das famílias é um tema complexo, pois, é a soma da realidade global de cada um dos seus membros, com sua unicidade e mistério, com todas as bagagens positivas e negativas, em nível genético temperamental, congênito, axiológico, psicoafetivo e espiritual, entre outros. Semente um maior conhecimento e uma acurada reflexão sobre a intrincada dinâmica conjugal e familiar, num mundo marcado pela secularização, podem nos ajudar a atuar com elas, ao menos de modo um pouco semelhante ao agir de Jesus com as pessoas de seu tempo, agora contempladas com a abordagem papal, de matriz mais pastoral, diante dos redis: “família” e “Igreja” em nosso tempo-espaço. Diante disso, o autor divide sua reflexão em três momentos. Na primeira temática aborda as origens remotas da família no Ocidente, na segunda temática olha para as famílias segundo o Papa Francisco e no terceiro momento fala da lógica da misericórdia pastoral com as famílias hodiernas.

- 7) *A dimensão comunitária da Amoris laetitia*, de autoria do Dr. Drance Elias da Silva (Universidade Católica de Pernambuco). O autor mostra a importância da dimensão comunitária uma vez que a vida comunitária se expressa como espaço fundamental de experiência. É na vida comunitária que se busca partilhar a prática social, os projetos, os fracassos, a afetividade, as diferenças e também as esperanças. Falar de comunidade é colocar foco nas relações de solidariedade dos grupos humanos que partilham a mesma identidade. Isso tem a ver com a vida em família, pois, um pressuposto que se sobressai nessa experiência de organização fundamental diz respeito às relações de reciprocidade: vida em família diz respeito às relações de reciprocidade. Nesse sentido, o autor observa que há estreita relação de afinidade entre família e comunidade. Assim sendo, a família é uma construção permanente que se dá através da nossa relação e sempre em combate contra qualquer tipo de ação e atitude que negue a vida, o direito, a liberdade, bem como aquilo que já foi conquistado com muita luta e sacrifício. A família é uma dessas formas de organização da sociedade que deve estar sempre aberta a uma perspectiva libertária. Assim, os esposos e filhos se percebendo como membros colhedores um do outro, para dentro e para fora, esvaziando-se das formas diversas e simplistas de interesses egoístas, para abrir-se sempre mais à diversidade de razões que possa produzir vínculos e solidariedade.

O posfácio é de autoria da Dra. Maria Teresa de Freitas Cardoso (PUC-Rio). Em relação à obra diz que os estudos e a reflexão teológica pastoral proposta pelos autores de *Amoris Laetitia em questão* prosseguem conosco para a escuta da Palavra de Deus e a prática cristã na Igreja, na qual daremos e buscaremos acolhimento, com ternura e solicitude de uns para com os outros. Conclui dizendo que as questões levantadas sobre a AL, merecedoras de tanto interesse, contemplação e conversão pastoral, possam ser refletidas, sempre de novo, sob a luz evangélica do nascimento da Exortação Apostólica em questão: ou seja, no espírito do Jubileu Extraordinário da Misericórdia.

O livro em questão é pedagogicamente bem elaborado e a escolha dos autores bem-feita. Nas palavras do Cardeal Orani João Tempesta: “um trabalho realizado com seriedade e que elucida algumas das principais riquezas contidas nessa Exortação Apostólica. Os autores são teólogos das áreas bíblica e sistemática, e, pertencem a importantes centros acadêmicos do Brasil e do exterior, atentos em produzir conhecimentos teológicos encarnados

e capazes de tratar dos temas com competência, auxiliando, como é específico da vocação do teólogo, a amadurecer o juízo da Igreja, para que sua ação seja transformada em Jesus Cristo”.

Estamos diante de um livro com excelente matéria-prima para ulteriores estudos e reflexões. Há reflexões sofisticadas que supõe bom nível teológico de inteligência. Não se trata de lê-lo na sequência, pois cada capítulo contém um universo próprio, cabendo ao leitor tirar o maior proveito desta leitura, seja dos capítulos que compõem a parte bíblica ou dos capítulos que compõem a parte sistemático-pastoral do livro. É leitura obrigatória para todos aqueles que desejem conhecer e estudar com profundidade a contribuição e os desdobramentos pastorais da AL.

Eliseu Wisniewski

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba / PR – Brasil

E-mail: eliseu.vicentino@gmail.com